



DIÁRIO

República Federativa do Brasil DO CONGRESSO NACIONAL

SEÇÃO II

ANO XL — Nº 010

CAPITAL FEDERAL

TERÇA-FEIRA, 12 DE MARÇO DE 1985

SENADO FEDERAL

SUMÁRIO

1 — ATA DA 9ª SESSÃO, EM 11 DE MARÇO DE 1985

1.1 — ABERTURA

1.2 — EXPEDIENTE

1.2.1 — Leitura de projeto

Projeto de Lei do Senado nº 13, de 1985, de autoria do Sr. Senador Carlos Chiarelli, que acrescenta um parágrafo ao art. 6º da Lei nº 5.107, de 13 de setembro de 1966, que criou o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço.

1.2.2 — Comunicação da Presidência

Recebimento da complementação da documentação necessária à tramitação do Ofício S/8, de 1985 (nº 765/84, na origem), do Sr. Prefeito Municipal de Anápolis, solicitando autorização do Senado para realizar operação de empréstimo externo no valor de US\$ 3,500,000.00, para o fim que especifica.

1.2.3 — Requerimento

Nº 16/85, de autoria do Sr. Senador Itamar Franco e outros Srs. Senadores, solicitando homenagens de pesar pelo falecimento do ex-Senador Gustavo Capanema. Aprovado, após usaram da palavra os Srs. Itamar Franco, Aloysio Chaves, Luiz Viana, Helvídio Nunes, Alfredo Campos e Passos Pôrto, tendo o Sr. Presidente se associado às homenagens em nome da Mesa.

1.3 — DESIGNAÇÃO DA ORDEM DO DIA DA PRÓXIMA SESSÃO. ENCERRAMENTO.

2 — DISCURSOS PROFERIDOS EM SESSÃO ANTERIOR

— Do Sr. Mário Maia, pronunciado na sessão de 8-3-85

— Do Sr. Luiz Viana, pronunciado na sessão de 8-3-85

3 — MESA DIRETORA

4 — LÍDERES E VICE-LÍDERES DE PARTIDOS

Ata da 9ª Sessão, em 11 de março de 1985

3ª Sessão Legislativa Ordinária, da 47ª Legislatura

Presidência do Sr. José Fragelli

ÀS 14 HORAS E 30 MINUTOS, ACHAM-SE PRESENTES OS SRS. SENADORES:

Jorge Kalume — Altevir Leal — Mário Maia — Fábio Lucena — Raimundo Parente — Odacir Soares — Aloysio Chaves — Gabriel Hermes — Hélio Gueirós — Alexandre Costa — José Sarney — Alberto Silva — Helvídio Nunes — Almir Pinto — José Lins — Moacyr Duarte — Martins Filho — Humberto Lucena — Marcondes Gadelha — Aderbal Jurema — Cid Sampaio — Marco Maciel — Luiz Cavalcante — Lourival Baptista — Passos Pôrto — Jutahy Magalhães — Lomanto Júnior — Luiz Viana — Itamar Franco — Alfredo Campos — Benedito Ferreira — Henrique Santillo — Mauro Borges — Benedito Canelas — Gastão Müller — José Fragelli — Saldanha Derzi — Álvaro Dias — Enéas Faria — Carlos Chiarelli — Pedro Simon — Octavio Cardoso.

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — A lista de presença acusa o comparecimento de 42 Srs. Senadores. Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos nossos trabalhos. O Sr. 1º-Secretário procederá à leitura de projeto de Lei enviado à Mesa.

É lido o seguinte

EXPEDIENTE

PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 13, DE 1985

Acrescenta um parágrafo ao art. 6º da Lei nº 5.107, de 13 de setembro de 1966, que criou o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O art. 6º da Lei nº 5.107, de 13 de setembro de 1966, fica acrescido de um parágrafo 3º, com a seguinte redação:

“§ 3º Os 10% (dez por cento) de que trata este artigo incidirão sobre o saldo bancário existente, somados a este, quando for o caso, os valores, atualizados na forma da lei, correspondentes à amorti-

zação de prestações decorrentes de aquisição da casa própria.”

Art. 2º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Justificação

O regime do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço foi instituído, segundo seus criadores, para possibilitar a aquisição da moradia própria aos trabalhadores. Sacrificou-se, no entanto, na prática, situação que precisa ser reparada, vez a grande promessa era de que o trabalhador não teria nenhum prejuízo com o novo sistema, pois ao ser despedido, além dos depósitos feitos em sua conta brancária vinculada, perceberia mais 10% (dez por cento) desse valor, destinado a corrigir possíveis distorções verificadas durante a duração do pacto laboral. Noutras palavras: garantia-se a chamada equivalência salarial entre os dois sistemas, o da Consolidação das

EXPEDIENTE

CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

LOURIVAL ZAGONEL DOS SANTOS

Diretor-Geral do Senado Federal

NÍSIO EDMUNDO TOSTES RIBEIRO

Diretor Executivo

JOÃO MORAES DA SILVA

Diretor Administrativo

MÁRIO CÉSAR PINHEIRO MAIA

Diretor Industrial

PEDRO ALVES RIBEIRO

Diretor Adjunto

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso sob a responsabilidade da Mesa do Senado Federal

ASSINATURAS

Via Superfície:

Semestre Cr\$ 3.000,00

Ano Cr\$ 6.000,00

Exemplar Avulso: Cr\$ 50,00

Tiragem: 2.200 exemplares.

Leis do Trabalho e o do regime do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço.

Por isso é necessário que se promovam alterações na Lei nº 5.107, a fim de que não haja discrepâncias maiores do que as já verificadas na prática laboral brasileira. É que há situações em que o empregado não pode manter intacto o saldo bancário da conta vinculada. Seja por outro motivo, ou seja pelo mais comum, - para saldar débitos com a amortização de prestações de correntes da aquisição da moradia própria.

Quando isso ocorre e o empregado é despedido do emprego, se vê na triste situação de duplamente punido: primeiro pela demissão em si mesma; segundo porque os 10% (dez por cento) à que tem direito como acréscimo ao valor do saldo bancário existente em sua conta bancária vinculada, decorrente do tempo de serviço, somente incidem sobre o saldo existente, deduzidos os valores correspondentes às prestações amortizadas com recursos do seu Fundo de Garantia do Tempo de Serviço.

Esse critério que vem sendo aplicado pelo Banco Nacional da Habitação nos parece sumamente injusto para o empregado, na medida em que deveria ser considerado o valor dos diversos recolhimentos feitos ao longo do período de vigência do contrato de trabalho, pois os 10% (dez por cento) representam nada mais nada menos do que um complemento da indenização devida pelo tempo de serviço, sem nenhuma vinculação com saques feitos durante o período. Aliás, o caput do art. 6º da Lei nº 5.107, de 13 de setembro de 1966 é claro e expresso no sentido de que os dez por cento devem ser calculados sobre os valores decorrentes do montante dos depósitos, da correção monetária e dos juros capitalizados na conta vinculada, correspondente ao tempo de serviço na empresa.

Como a tendência patronal é mitigar os direitos dos trabalhadores, vem se firmando o entendimento de que, quando o empregado é despedido, somente faz jus aos 10% calculados sobre o resíduo do saldo bancário existente, caso tenha sido utilizado parte do fundo para amortização de prestação da casa própria adquirida pelo Sistema Financeiro da Habitação.

Ora, certamente que há um evidente equívoco nessa interpretação da Lei, vez que os 10% de que trata a Lei se destinam justamente a, pelo menos, teoricamente, possibilitar a equivalência salarial que fora primitivamente assegurada, de modo expresso, até na justificação da Mensagem Presidencial, cujo Projeto resultou na Lei nº 5.107, isto para não citar o preceituado no inciso XIII do art. 165 da Constituição Federal.

Há, portanto, ex-lege, uma obrigatoriedade de equivalência financeira entre a indenização da Consolidação das Leis do Trabalho e do regime do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, que além de vir sendo negada pelo Tribunal Superior do Trabalho, com a nova prática que ora propomos seja corrigida, mediante dispositivo legal expresso, vem também sendo burlados os 10% a serem depositados por ocasião da despedida injusta do empregado.

Trata-se de uma proposição que deve ser aprovada com a maior urgência, pois, certamente está prejudicando um considerável número de empregados, todos eles mutuários do Sistema Financeiro da Habitação e que foram obrigados a recorrer ao saldo bancário do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, como forma de amortizar o débito resultante de inadimplemento de prestações da casa própria.

Sala das Sessões, 11 de março de 1985. — Carlos Chirreli.

LEGISLAÇÃO CITADA

LEI Nº 5.107, DE 13 DE SETEMBRO DE 1966

Cria o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, e dá outras providências.

Art. 6º Ocorrendo rescisão do contrato de trabalho, por parte da empresa, sem justa causa, ficará esta obrigada a pagar diretamente ao empregado optante os valores relativos aos depósitos referentes ao mês da rescisão e ao imediatamente anterior, que ainda não houver sido recolhido ao Banco Depositário, além da importância igual a 10% (dez por cento) desses valores e do montante dos depósitos, da correção monetária e dos juros capitalizados na sua conta vinculada, correspondentes ao período de trabalho na empresa.

(Às Comissões de Constituição e Justiça e de Legislação Social.)

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — O projeto de lei que acaba de ser lido será publicado e remetido às comissões competentes. (Pausa)

Na sessão ordinária do dia 7 do corrente foi lido o Ofício S/8, de 1985 (nº 765/84, na origem), do Prefeito Municipal de Anápolis, solicitando autorização do Senado para realizar operação de empréstimo externo no valor

de US\$ 3.500.000,00 (três milhões e quinhentos mil dólares), para o fim que especifica.

A matéria ficou aguardando, na Secretaria-Geral da Mesa, a complementação dos documentos necessários.

Tendo a presidência recebido os referidos documentos, despachará a matéria às Comissões de Finanças, de Constituição e Justiça e de Municípios.

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Sobre a mesa, requerimento cuja leitura será feita pelo 1º-Secretário.

É lido o seguinte

REQUERIMENTO Nº 16, DE 1985

Pelo falecimento do ex-Senador Gustavo Capanema requeremos, na forma regimental e de acordo com as tradições da Casa, as seguintes homenagens:

- a) inserção em ata de voto de profundo pesar;
- b) apresentação de condolências à família e ao Estado;
- c) levantamento da sessão.

Sala das Sessões, 11 de março de 1985. — Itamar Franco — Aloysio Chaves — Luiz Viana — Martins Filho — Jorge Kalume — Lomanto Júnior.

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — O requerimento lido depende de votação, em cujo encaminhamento poderão fazer uso da palavra os Srs. Senadores que o desejarem. (Pausa.)

O SR. Itamar Franco — Sr. Presidente, peço a palavra para encaminhar a votação.

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Concedo a palavra ao nobre Senador Itamar Franco.

O SR. ITAMAR FRANCO (PMDB — MG. Para encaminhar a votação. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Nesta hora, a Nação enlutada reverencia a memória do grande brasileiro Gustavo Capanema, ontem falecido no Rio de Janeiro. Particularmente, nós das Gerais, sentimos imenso pesar com o desaparecimento desse extraordinário homem público, cuja carreira foi construída de exemplos dignificantes de civismo, probidade e dedicação à causa pública. Encarnou o que de melhor e mais autêntico existia na tradição política de Minas, lastreado nos exemplos sempre admiráveis de outros ilustres mineiros, desde Tiradentes, Bernardo Pereira de Vasconcelos, Teófilo Ottoni, João Pinheiro, Bernardes, Milton Campos, Pedro Aleixo e Juscelino Kubitschek.

Agora, apaga a luz que iluminou o nosso panorama político por meio século, que emprestou com o seu talento, inteligência e patriotismo, os mais relevantes serviços ao Brasil. Mas, lamentamos também, Sr. Presidente, como amigo e colega de Senado, a sua morte, deixando a saudade do convívio sempre ameno, fraterno e afetivo.

Ao aqui chegar em 1975, ainda inexperiente dos embates parlamentares, encontrei no meu conterrâneo Gustavo Capanema palavras de estímulo e encorajamento e notáveis lições de vida pública nas quais me embebeci e inspirei.

O Sr. Benedito Ferreira - Permite-me V. Exa. um aparte?

O SR. ITAMAR FRANCO — Ouço V. Ex^a, nobre Senador Benedito Ferreira.

O Sr. Benedito Ferreira — Eu queria, nobre Senador Itamar Franco, juntar às palavras de V. Ex^a, a palavra dos goianos, porque sei que a minha geração e mesmo as mais recentes, todas elas em Goiás, devem estar muito contristadas com esta perda irreparável, no cenário nacional, da figura de Gustavo Capanema. Ele, que deu quase três quartos de sua existência à vida pública deste País, experimentou, por certo, todas as dificuldades muito mais do que nós, sem dúvida alguma, porque ainda hoje sabemos o quanto se paga, o quanto tem que se dar de si para servir bem à causa pública neste País e, lamentavelmente, na maioria das vezes, vai o homem público para casa e até mesmo para o túmulo, sem receber a única remuneração que efetivamente espera de seu povo, que é o reconhecimento, a estima e o respeito de seus concidadãos. Não é bem o caso de Gustavo Capanema que, por certo, sofreu injustiças, sofreu intolerâncias mas que também teve a vida coroada de êxitos e de reconhecimento por quantos puderam com ele conviver, sem dúvida alguma, porque Gustavo Capanema teve uma vida de dedicação à causa pública. Por esta razão, interrompi V. Ex^a no seu discurso para registrar o luto que visita hoje os goianos, como de resto, tenho certeza, visita todo o Brasil com essa perda irreparável, repito, para o cenário político nacional, sobretudo nesta fase, que eu já há algumas vezes tenho adjetivado de orfandade de lideranças políticas, tal é o claro, tal a ausência de homens experimentados e com o gosto suficiente para se sacrificarem até o limite da sua própria vida à causa pública deste País. Agradeço a V. Ex^a por ter-me permitido esta introdução nas suas palavras. Muito obrigado.

O SR. ITAMAR FRANCO — V. Ex^a tem razão, nobre Senador Benedito Ferreira. Orfandade é falta de liderança política. Acolho a tristeza de V. Ex^a e dos goianos na intervenção que faz ao meu pronunciamento nesta tarde.

Continuo, Sr. Presidente.

Acabei-as com entusiasmo e sofreguidão, ciente de que me norteava pelo que havia de puro e sábio nas minhas Minas Gerais, marcada que sempre foi sua vida pelo ideal.

Ali estava o homem íntegro que palmilhava extraordinária carreira política: vereador em 1930 em Pitangui, cidade onde nasceu; Secretário do Interior; Interventor em Minas Gerais, com a morte de Olegário Maciel; Ministro da Educação e Saúde; Membro da Comissão Constitucional na Assembleia Constituinte de 1946, quando foi eleito Deputado Federal por nosso Estado, sendo, sucessivamente, reeleito em 1950, 1954, 1958, 1962, 1966 e eleito Senador em 1970.

No Senado, foi Presidente e membro titular da Comissão de Educação e Cultura e vice-Presidente da Comissão de Constituição e Justiça.

Jornalista e Professor, formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Belo Horizonte e provinha de proeminente família mineira, sendo seus pais Gustavo

Xavier Silva Capanema e Marcelina Júlia Freitas Capanema.

Casou-se com Dona Maria de Alencastro Massot e teve dois filhos: Maria da Glória Capanema Guerra e Gustavo Afonso Massot Capanema.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, a capacidade e o vigor intelectual de Gustavo Capanema estiveram presentes em toda a sua vida pública, sempre se destacando com êxitos e vitórias.

Mas dois períodos extremamente férteis foram, sem dúvida, o ápice do seu trabalho: a passagem pelo Ministério da Educação e Cultura, quando, com o apoio deste nosso poeta maior Carlos Drummond de Andrade, revolucionou o ensino brasileiro, tirando-o do marasmo em que se encontrava ao promover a reforma da educação, no início da década de 1940. Dotou o País, então, de nova gramática de nossa língua, elaborada em conjunto com filósofos portugueses. Impulsionou a arte e a cultura popular, através de incentivos aos artistas nacionais.

O prédio do antigo Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro, precursor da nova arquitetura brasileira, foi uma das suas marcas definidoras, o que iria proporcionar o surgimento de obras arquitetônicas modernas, como a Igreja de São Francisco de Assis e o Cassino da Pampulha, em Belo Horizonte e, posteriormente, esta catedral do futuro, que é Brasília.

Outro admirável período de Gustavo Capanema foi quando exerceu a Liderança do Governo de seu amigo Getúlio Vargas, nos tormentosos e dramáticos dias de agosto de 1954.

Ali, mais do que tudo, preponderou a lealdade ao amigo, ao grande Presidente, naquela hora atacado por todos os lados, ferido por forças terríveis, muitas vezes sozinho. E também sobressaíram o talento, a inteligência e a sagacidade para poder, sempre com brilhantismo, defender o governo já sem forças para se aguentar.

Enfrentou com galhardia a então poderosa e demolidora bancada da UDN, formada pelos mais eminentes políticos do País — embates formidáveis, discussões as mais incandescidas, ânimos exaltados.

Permita-me, Sr. Presidente, Srs. Senadores, transcrever alguns trechos desse discurso, realmente uma das páginas mais belas do nosso Parlamento — diríamos, Srs. Senadores, três grandes discursos, belos pela sua forma, pelo seu conteúdo e pela demonstração de lealdade, uma lealdade que às vezes não encontramos nos dias de hoje: o discurso de 17-8-54, o discurso de 23-8-54 e, o que me permito ler agora aos Srs. Senadores, para recordar, de 24-8-54, quando Gustavo Capanema, como Líder da Maioria, dizia o seguinte:

O SR. GUSTAVO CAPANEMA — Senhor Presidente, não é este o momento próprio para tratar da vida do Presidente Getúlio Vargas. Dela direi pouco. Direi apenas que foi marcada pelo ideal.

Conheci de perto o grande Presidente. Conheci a sua inteligência profunda, larga e sutil, inteligência política como nunca vi tão grande, capaz de discernir as melhores soluções nos momentos mais intrincados, capaz de visar, no plano dos interesses do país, as soluções salvadoras, capaz de encontrar, em todas as circunstâncias em que estivesse em jogo a felicidade, o prestígio, a honra, o destino da nação, o rumo popular e o rumo histórico, aqueles rumos verdadeiramente cheios de sabedoria. Ele tinha essa inteligência alta e notável.

Conheci-lhe de perto o coração, e nunca vi no seu semblante, em nenhuma circunstância, a menor sombra de rancor, de ódio, de antipatia, de aborrecimento para com quem quer que fosse. Conheci-lhe o coração de perto, e posso dizer que era tão grande como o de Salomão, esse coração que, segundo a palavra da Escritura, era extenso como a areia das praias. Na verdade, ele tinha sempre o coração incli-

nado para as boas soluções, para as soluções generosas, para as soluções de entendimento, de conciliação e de paz.

Nunca divisei nele, nem mesmo nas horas em que o ímpeto era justificável, o gesto ou a atitude de vingança. Ao contrário, o que constituía uma preocupação constante do seu coração era encontrar a ponte por onde chegar à alma do adversário ou do inimigo. Certa vez, Emil Ludwig perguntou-lhe se era grande o número de seus inimigos. A resposta é conhecida: "Eu não tenho nenhum inimigo do qual não possa amanhã tornar-me amigo".

Ele tinha, além dessa inteligência e desse coração, uma vontade de ferro. Era da espécie destes homens que não querem muita coisa. Para o maior número dos problemas, admitia uma série de soluções. Não era teimoso, não era vaidoso e não se apagava à sua própria deliberação. Para a maioria dos assuntos, aceitava um sem-número de boas soluções. Ele aplicava a sua vontade apenas num pequeno número de problemas fundamentais. E aí tinha uma vontade realmente de ferro.

E continuava, Gustavo Capanema, nesse belíssimo pronunciamento:

Neste ponto, é que nele surge o traço fundamental da mentalidade do homem de Estado. Homem de Estado não há de ser aquele que apenas tem um grande coração, não há de ser aquele que apenas tem uma grande inteligência. O homem de Estado tem de possuir uma grande, firme e poderosa vontade, a vontade própria a fazer face às situações mais difíceis e a alcançar os objetivos visados. Era dessa natureza a sua vontade.

Mas dizia eu que a vida do Presidente Getúlio Vargas foi marcada pelo ideal. A grande inteligência, o grande coração e a grande vontade podem ser qualidades de um condutor qualquer de grande categoria. Nele, para conferir-lhe a categoria de homem de Estado, esses atributos foram reunidos para servir a um ideal político. Toda a sua vida foi posta a serviço desse ideal.

Poderíamos ficar aqui longo tempo, a indicar as linhas mestras, desse ideal: a felicidade dos trabalhadores, a unidade nacional, a glória da pátria, um sem-número de idéias e objetivos que não de constituir, daqui por diante, vasto campo de pesquisas e trabalhos dos biógrafos e historiadores.

Nessa hora, não sabe falar da vida do Presidente Getúlio Vargas. Delineio, quase que por um dever protocolar, apenas esses traços fundamentais da sua fulgurante figura.

Do que neste momento devo falar é da sua morte. Se a sua vida foi marcada pelo ideal, a sua morte foi marcada pela honra.

E segue, Sr. Presidente, Srs. Senadores, o notável pronunciamento de Gustavo Capanema.

Quando terminava dizia, na sua bela alocução:

Quanto já me disseram hoje que o ambiente poderá envenenar-se, que os acontecimentos poderão tornar-se perigosos, que a autoridade poderá entrar em crise, que os atentados poderão multiplicar-se, que as ruas poderão tingir-se de sangue! Não posso deixar de erguer daqui a minha voz para conchamar o povo do nosso país para a concórdia, para a atitude generosa e fraterna. É preciso que saíamos da tragédia de hoje, sem outros sacrifícios. É bem certo que, por mais pungente que tenha sido a derradeira mensagem do Presidente Getúlio Vargas, por mais cheia que esteja da sua dor e revolta, o que há nela de verdadeiramente central, de verdadeiramente positivo, de verdadeiramente culminante é o gesto pa-

cificador. É a vontade de apagamento das ofensas. Se ele aqui pudesse falar agora, não diria senão palavras de compreensão e harmonia.

Senhor Presidente, é com estas expressões, a um tempo de ordem emocional e política, que exprimo o estado de espírito da maioria da Câmara dos Deputados. (Muito bem! muito bem! Palmas prolongadas. O orador é abraçado.)

Fiz questão, Sr. Presidente e Srs. Senadores, de transcrever esse discurso de Gustavo Capanema, de 24 de agosto de 1954, considerado uma das mais belas páginas da história do nosso Parlamento, porque demonstrava, como demonstrou, no discurso de 23 de agosto, aquela lealdade, aquela fraternidade, aquela compreensão para com quem, que dirigia naqueles dias a Nação brasileira.

Encontrei em Gustavo Capanema, Srs. Senadores, a fidalguia dos mineiros. Encontrei nele o apoio — apesar de pertencer a outro partido, como eu já disse no início do meu pronunciamento — o incentivo, aquela fidalguia que talvez hoje nesta vida pública poucos nós encontramos, mesmo nos companheiros de Bancada. Mas Gustavo Capanema trazia o espírito telúrico dos mineiros, trazia na sua alma, e no seu coração a pureza dos homens montanheseiros.

Ao deixar, Sr. Presidente e Srs. Senadores, nos Anais da Casa registrado meu profundo pesar pelo falecimento do grande Gustavo Capanema, desejo expressar minhas condolências à sua família e ousou solicitar a V. Ex^a, Sr. Presidente, e aos Srs. Senadores, por tudo aquilo que ele significou na vida pública deste País, pela sua probidade, pela sua lealdade, pela sua cultura, pelo muito que fez, não pelo meu Estado mas pelo nosso País, a suspensão dos nossos trabalhos.

O Sr. Fábio Lucena — Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. ITAMAR FRANCO — Ouço V. Ex^a, nobre Líder Fábio Lucena.

O Sr. Fábio Lucena — Nobre Senador Itamar Franco, disse muito bem ontem pela Rede Globo, o Presidente eleito Tancredo Neves que o Estado de Minas Gerais sofre uma perda irreparável, uma lacuna impreenchível com o desaparecimento de Gustavo Capanema. Na verdade, quando Minas perde um grande homem, o Brasil inteiro já se acostumou a chorar e a lamentar a perda mineira. E em nome da Liderança do nosso Partido, do PMDB, desejo associar-me ao luto do Estado de Minas Gerais, que em verdade representa o sentimento comum de toda a Pátria brasileira, neste momento em que um verdadeiro *homo faber*, o homem que constrói, deixa de viver em nosso País, legando-nos a todos um patrimônio inestimável de cultura, de construção, que dificilmente, eu diria impossivelmente, desaparecerá da História do nosso país. Pertencemos à geração que nasceu exatamente quando Gustavo Capanema era Ministro da Educação em nosso País, logo depois do advento da década de 40, em plena Segunda Guerra Mundial. E creia, Sr. Senador, que o Senado Federal presta, em aprovando o requerimento de V. Ex^a, uma homenagem de todos os Estados brasileiros a esse grande mineiro, a esse grande brasileiro que foi Gustavo Capanema, que, se desaparece da vida, asseguro a V. Ex^a, jamais desaparecerá da História deste País. Era o aparte que tinha que dar a V. Ex^a

O SR. ITAMAR FRANCO — Senador Fábio Lucena, V. Ex^a fala pela Liderança da sua Bancada, enriquecendo o nosso pronunciamento neste momento de dor, de profunda tristeza para nós das Minas Gerais.

E a verdade é exatamente esta, a vida de Gustavo Capanema foi uma vida marcada pelo ideal, uma vida pura em busca do bem-estar do nosso País.

Aqui recordo, Senador Fábio Lucena, os seus últimos momentos, sentado naquela cadeira, já um pouco com-

balido pela doença, ainda permanecia nesta Casa, cujo mandato, em que honrou o nosso Estado, os mineiros lhe outorgaram.

A intervenção de V. Ex^a, em nome da nossa Bancada, é bastante profunda e sensível a nós de Minas Gerais.

Sr. Presidente, ousou solicitar a V. Ex^a e aos Srs. Senadores, por tudo aquilo que representou Gustavo Capanema, por tudo aquilo que ele nos legou, pelo exemplo de amor à Pátria, a suspensão dos nossos trabalhos como uma homenagem a essa grande figura de mineiro e de brasileiro. (Muito bem!)

DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. ITAMAR FRANCO EM SEU DISCURSO:

O SR. GUSTAVO CAPANEMA

Senhor Presidente, não é este o momento próprio para tratar da vida do Presidente Getúlio Vargas. Dele direi pouco. Direi apenas que foi marcada pelo ideal.

Conheci de perto o grande Presidente. Conheci a sua inteligência profunda, larga e sutil, inteligência política como nunca vi tão grande, capaz de discernir as melhores soluções nos momentos mais intrincados, capaz de divisar, no plano dos interesses do País, as soluções salvadoras, capaz de encontrar, em todas as circunstâncias em que estivesse em jogo a felicidade, o prestígio, a honra, o destino da Nação, o rumo popular e o rumo histórico, aqueles rumos verdadeiramente cheios de sabedoria. Ele tinha essa inteligência alta e notável.

Conheci-lhe de perto o coração, e nunca vi no seu semblante, em nenhuma circunstância, a menor sombra de rancor, de ódio, de antipatia, de aborrecimento para com quem quer que fosse. Conheci-lhe o coração de perto, e posso dizer que era tão grande como o de Salomão, esse coração que, segundo a palavra da Escritura, era extenso como a areia das praias. Na verdade, ele tinha sempre o coração inclinado para as boas soluções, para as soluções generosas, para as soluções de entendimento, de conciliação e de paz.

Nunca divisei nele, nem mesmo nas horas em que a impeto era justificável, o gesto ou a atitude de vingança. Ao contrário, o que constituía uma preocupação constante do seu coração era encontrar a ponte por onde chegar à alma do adversário ou do inimigo. Certa vez, Emil Ludwig perguntou-lhe se era grande o número de seus inimigos. A resposta é conhecida: "Eu não tenho nenhum inimigo do qual não possa amanhã tornar-me amigo".

Ele tinha, além dessa inteligência e desse coração, uma vontade de ferro. Era da espécie desses homens que não querem muita coisa. Para o maior número dos problemas, admitia uma série de soluções. Não era teimoso, não era vaidoso e não se apagava à sua própria deliberação. Para a maioria dos assuntos, aceitava um sem-número de boas soluções. Ele aplicava a sua vontade apenas num pequeno número de problemas fundamentais. E aí tinha uma vontade realmente de ferro.

Neste ponto, é que nele surge o traço fundamental da mentalidade do homem de Estado. Homem de Estado não há de ser aquele que apenas tem um grande coração, não há de ser aquele que apenas tem uma grande inteligência. O homem de Estado tem de possuir uma grande, firme e poderosa vontade, a vontade própria a fazer face às situações mais difíceis e a alcançar os objetivos visados. Era dessa natureza a sua vontade.

Mas dizia eu que a vida do Presidente Getúlio Vargas foi marcada pelo ideal. A grande inteligência, o grande coração e a grande vontade podem ser qualidades de um condutor qualquer de grande categoria. Nele, para conferir-lhe a categoria de homem de Estado, esses atributos foram reunidos para servir a um ideal político. Toda a sua vida foi posta a serviço desse ideal.

Poderíamos ficar aqui longo tempo, a indicar as linhas mestras desse ideal: a felicidade dos trabalhadores, a unidade nacional, a glória da Pátria, um sem-número de idéias e objetivos que não de constituir, daquele por diante, vasto campo de pesquisas e trabalhos dos biógrafos e historiadores.

Nessa hora, não sabe falar da vida do Presidente Getúlio Vargas. Delineio, quase que por um dever protocolar, apenas esses traços fundamentais da sua fulgurante figura.

Do que neste momento devo falar é da sua morte. Se a sua vida foi marcada pelo ideal, a sua morte foi marcada pela honra. Isto é o que deve ver, neste doloroso transe, o povo brasileiro. O Presidente Getúlio Vargas morreu pela sua honra. Assisti, nestes últimos dias, a todo o drama da sua alma. Desde aquela madrugada tenebrosa em que sucumbiu o Major Rubens Vaz e em que um jornalista do nosso País foi atingido na sua liberdade, desde aquela trágica madrugada, o Presidente não perdeu a inquietação e o sofrimento. Disse-me, a certa altura dos acontecimentos, que os seus maiores inimigos já eram os autores do atentado da Rua Toneleros. O Presidente porfiou, a partir dos primeiros momentos, por que os criminosos fossem punidos. Quis assumir pela maneira mais positiva e enérgica, a posição de vingador. Pouco se lhe dava que os delinquentes estivessem aqui ou ali. Pouco lhe importava que a suspeita recaísse sobre este ou aquele. O que lhe cumpria era que os criminosos fossem descobertos e a fúria da justiça sobre eles recaísse. Ele precisava defender a Presidência de quaisquer suspeitas, colocando-a a serviço da justiça.

Com o decorrer dos dias, a crise política se desenhou e foi-se agravando. Não era o atentado execrável, não era só a tentativa de homicídio e o homicídio consumado que se atirava ao rosto do Chefe da Nação. Surgiu um cortejo de miséria, que foram envenenando a opinião pública. Ele sentia, já agora, uma necessidade maior de defender a dignidade da Presidência.

Outro dia desta tribuna, referi-me a um conceito que tem maior cabimento nesta oportunidade. Lembrei-me da lição de Bossuet, segundo a qual o Monarca do Mundo, a Divina Providência, quando confere a um governante o poder de governar, está como que entregando-lhe uma comissão particular. Quem governa está com uma comissão da Divina Providência. Quem governa há, portanto, de ter no governo um tal sentimento de dignidade, que se levante e se enfureça e se arme, e tome a atitude mais áspera e punitiva contra os autores de crimes nefandos, principalmente contra aqueles que maculam o nome e ferem a força do governo.

Vi o Presidente, nestes últimos dias, preocupado exclusivamente com esse lado do problema, preocupado com a defesa e dignidade da Presidência.

Ainda ontem, quando às duas horas da tarde conversávamos pela última vez, disse-me ele que a questão de ficar no governo lhe parecia secundária. A questão estava em defender a sua honra. Eu lhe disse então: "Foi a atitude final de D. Pedro I: defender a honra". Ele prosseguiu: "Preciso defender principalmente a minha honra. Não posso sair daqui enxovalhado. Não posso sair daqui com a pecha de condescendente, com a improbidade e o homicídio. Não posso sair daqui com desonra. Tenho de aqui ficar enquanto for necessário, para a defesa do meu nome".

Insistiu muito neste ponto.

Invoco o testemunho da Divina Providência que estou relatando a verdade do nosso último encontro. Não sei como as coisas se desenrolaram nas últimas horas. Até agora, conversa aqui, conversa ali, não pude ainda construir o histórico dos acontecimentos da madrugada e da manhã de hoje, mas posso de tudo tirar uma conclusão inelutável: o Presidente sacrificou-se pela sua honra. O seu gesto, tão grave e tão claro, bem denuncia sua íntima verdade. A Presidência, essa comissão particular de

Deus, não se enxovalou nas suas mãos. Nas suas mãos, não se tingiu de sangue. Nas suas mãos, não se manchou com a desonestidade.

O Senhor Lauro Lopes — Muito bem.

O SR. GUSTAVO CAPANEMA — Na verdade, o Presidente se sacrificou para que a sua honra não perecesse.

Que maior Presidente poderá figurar na história do nosso povo? Quem, dentre os governantes do nosso País, poderá ficar acima dele? Na manhã de hoje, pela maneira mais trágica, pela maneira mais terrível, pela maneira mais espantosa, pela maneira mais incrível, pela maneira mais surpreendente, ele ergueu-se, ergueu-me sobre si mesmo, e atingiu a culminância dos maiores chefes de Estado da nossa História!

Esta é a homenagem que me sinto no dever de prestar-lhe, nesta hora de dor.

Não quero descer da tribuna sem fazer veementes votos por que o Senhor Vice-Presidente da República, que já assumiu a chefia do governo, possa governar em paz, possa atravessar este tremendo momento, numa atmosfera segura e tranqüila.

Quantos já me disseram hoje que o ambiente poderá envenerar-se, que os acontecimentos poderão tornar-se perigosos, que a autoridade poderá entrar em crise, que os atentados poderão multiplicar-se, que as ruas poderão tingir-se de sangue! Não posso deixar de erguer daqui a minha voz para conchamar o povo do nosso País para a concórdia, para a atitude generosa e fraterna. E' preciso que saíamos da tragédia de hoje, sem outros sacrifícios. E' bem certo que, por mais pungente que tenha sido a derradeira mensagem do Presidente Getúlio Vargas, por mais cheia que esteja da sua dor e revolta, o que há nela de verdadeiramente central, de verdadeiramente positivo, de verdadeiramente culminante é o gesto pacificador. E' a vontade de apagamento das ofensas, não diria senão palavras de compreensão e harmonia.

Senhor Presidente, é com estas expressões, a um tempo de ordem emocional e política, que exprimo o estado de espírito da maioria da Câmara dos Deputados. *(Muito bem; muito bem. Palmas prolongadas. O orador é abraçado.)*

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Nobre Senador Itamar Franco, submeterei o requerimento verbal de V. Ex^a ao plenário, desde que o art. 243 do Regimento Interno só permite a suspensão da sessão nos casos de falecimento de chefes de estado, do Presidente e do Vice-Presidente da República, e membros do Congresso Nacional. No entanto, antes de submeter à deliberação do Plenário a solicitação de V. Ex^a, desejo conceder a palavra aos Senadores que sobre o falecimento do eminente brasileiro desejam também se pronunciar.

O Sr. Aloysio Chaves — Sr. Presidente, peço a palavra.

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Concedo a palavra ao nobre Senador Aloysio Chaves.

O SR. ALOYSIO CHAVES (PDS-PA) — para encaminhar a votação) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Um sentimento de profundo pesar desceu sobre o País, particularmente sobre o Congresso Nacional, com a notícia do falecimento, no Rio de Janeiro, do ex-Senador Gustavo Capanema, um brasileiro, ilustre por todas as qualidades, as mais puras e lídicas qualidades que podem exornar a personalidade de um cidadão, um caráter sem jaça uma cultura extensa, profunda, humanística, sobretudo, e uma vocação para servir, e servir bem, ao País.

Nasceu no começo deste século em Pitangui, Minas Gerais, e fez os seus estudos em Belo Horizonte, concluindo-os na Faculdade de Direito na qual se graduou, como um dos mais brilhantes alunos, o primeiro

entre todos de sua turma. E cedo se distinguiu na vida pública, no desempenho do mandato de Vereador. E ascendeu, sucessivamente, às mais eminentes posições, inclusive destacando-se, pelo longo período de 11 anos, como Ministro da Educação, de 1933 a 1945. Marcou a sua atuação de maneira brilhantíssima no Ministério da Educação, não só pela reformulação total que fez desse grande setor da administração pública, como também pela forma criadora como soube enfocar os problemas mais importantes do ensino e da cultura, deixando o Ministério da Educação e Cultura num plano excepcional no cenário brasileiro. Grandes transformações executou à frente do Ministério da Educação.

Permito-me lembrar algumas, como a instalação do Instituto de Estudos Pedagógicos, a criação da Faculdade de Ciências Econômicas, o funcionamento da Faculdade Nacional de Arquitetura, o Serviço Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico e a Biblioteca Popular, através do Instituto Nacional do Livro, obras que balizam de maneira admirável a fecunda administração de Gustavo Capanema à frente do Ministério da Educação e Cultura.

Em artigo publicado na imprensa deste País, Carlos Drumond de Andrade procurou fazer um resumo da vida de Gustavo Capanema. E nesse resumo eu destaco especialmente estas duas passagens: a primeira, quando ressalta a sua preocupação com os problemas culturais e em consequência, o apoio à modernização do pensamento artístico brasileiro, como está a demonstrar de maneira soberba a construção do próprio edifício em que se instalou o Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro.

No Ministério da Educação, segundo Abgar Renault, que com ele trabalhou vários anos, Gustavo Capanema examinava tudo cuidadosamente, estudava com afinco, verificava todas as consequências possíveis, imaginava alternativas para cada ato a realizar. Frequentemente criava comissões de especialistas, presididas geralmente, por ele, para atingir a solução que fosse considerada melhor.

Não era raro, diz Abgar Renault, referido no trabalho de Carlos Drumond, que Capanema fosse atacado por conservadores que, não gostavam de suas atitudes em relação à Arte Moderna, mas o Ministro, diz, não se afligia nem se magoava com as críticas, pois era e é home sereno, liberal, continuando sua obra de renovação.

Ainda para Carlos Drumond de Andrade, Gustavo Capanema foi o maior Ministro de Educação e Cultura do Brasil. Cito, textualmente:

“Não conheço capacidade igual de pensamento e de ação consequente, lúcida e positiva. Ao lado disso, um homem encantador pela modéstia e pela finura de sentimentos”.

Conheci-o, Sr. Presidente, Srs. Se adore, quando acadêmico de Direito participava de congresso de estudantes no Rio de Janeiro. Numa época em que se ensaiavam as primeiras tentativas para redemocratizar o Brasil, mesmo assim, na audiência que nos concedeu e depois ao presidir o encerramento do Congresso da UNE, Gustavo Capanema com espírito tolerante admitia todas as manifestações, todos os pronunciamentos, todas as colocações, feitas nem sempre com maior reflexão pelo entusiasmo dos jovens, mas com absoluta compreensão por parte desse notável homem público. E foi a primeira vez que tive oportunidade de avaliar a competência, o mérito, o brilho extraordinário da inteligência de Gustavo Capanema, quando no encerramento, de improviso, proferiu um brilhantíssimo discurso que empolgou todos os jovens, todos os estudantes, e arrebatou a assistência que foi unânime ao aplaudir-lo. O Ministro que servia ao regime ditatorial, o Ministro que, durante tantos anos, estava à frente do Ministério da Educação, conseguia, pelo seu talento, pela sua inteligência e pela sua capacidade de

compreender, também, a mensagem dos jovens, conseguia empolgá-los e transformar em êxito aquilo que poderia, para muitos, ter um desfecho diferente.

O nobre Senador Itamar Franco referiu, com muita propriedade, ao discurso que Gustavo Capanema proferiu na Câmara quando do suicídio do Presidente Getúlio Vargas. Sirvo-me de um depoimento prestado no Comitê de Imprensa do Senado, quando esta Casa se despedia de Gustavo Capanema, pelo Jornalista Carlos Castello Branco. Naquela ocasião, no discurso que proferiu, Gustavo Capanema confessou que “um dos momentos mais terríveis” da sua vida foi aquele em que, como Líder da Maioria na Câmara dos Deputados, “vivi quando o Presidente Getúlio Vargas se atirou, naquele gesto dramático para evitar a desordem”.

Carlos Castello Branco, reportando-se a esse episódio, relembrou um outro que diz tanto da competência desse grande mineiro:

“Encontrei-o, recordou Castello Branco,

— algumas horas após a morte do Presidente Getúlio Vargas, do qual Vossa Excelência fora líder na Câmara.

Repito que a imprensa reproduz, a homenagem tributada a Gustavo Capanema no Comitê de Imprensa do Senado Federal.

Perguntei-lhe como se sentiria ao receber a notícia. “Ao ouvir a notícia da morte do Presidente”, disse Vossa Excelência “senti-me como alguém que, tendo se retirado do palco entre um ato e outro do espetáculo, deve se preparar para voltar à cena sem saber que papel irá desempenhar. A peça mudou”.

“Nesse dia, acrescentou o jornalista, pronunciou Vossa Excelência um dos mais importantes discursos já proferidos na Câmara dos Deputados, pela emoção, pela inteligência, pela nitidez do perfil histórico que lhe coube traçar do grande morto”.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, ao lado dessas qualidades de grande administrador, de tribuno, de homem de larga cultura jurídica, tinha também Gustavo Capanema uma cultura literária, humanística e filosófica muito mais extensa, muito mais profunda do que se poderia supor no contacto cotidiano com ele. Nós constatamos a extensão da cultura e do pensamento de Gustavo Capanema no livro que publicou intitulado, exatamente, “Pensamentos”, no qual, com um certo desalento, de uma maneira que para alguns poderia até parecer um pouco fria, um pouco álgida, um pouco indiferente, de alguém que se desencantou da vida e das pessoas, Gustavo Capanema dizia:

“O grande homem, não raro, é um equívoco”.

Esta máxima enganada pertence a alguém que conviveu com grandes e pequenos homens na área em que mais podem ser evidenciados os traços positivos ou negativos da personalidade a política.

Acrescenta Carlos Drumond de Andrade, na análise crítica que fez, esta outra faceta da vida de Gustavo Capanema:

A longa jornada de homem político levou-o a um cepticismo relativo, que dá especial sabor à firmeza de sua crença em valores éticos. Capanema continua fiel aos preceitos que devem orientar a reta conduta, e ao, mesmo tempo revela sua descrença em mais de um ponto moral ou psicológico do indivíduo e da espécie. Não crê na gratidão, e sabe que os homens se guiam principalmente pelos seus interesses. Mas conserva intata a confiança na probidade, na sinceridade, na benevolência que amenizam o curso tumultuado de nossa passagem pelo mundo.

E foi exatamente com essa característica que Gustavo Capanema transitou pela vida: modesto, simples, volta-

do mais para dentro de si mesmo, um pouco introspectivo, cultivando as letras, as artes, mas se transformando, como administrador, num novo Mecenas e que deixou a marca imperecível de sua passagem pelo Ministério da Educação e Cultura, como a deixou na Câmara dos Deputados, onde exerceu vários mandatos e no Senado da República, onde ilustrou os Anais desta Casa com trabalhos primorosos.

Na galeria dos pró-homens deste País se insere, portanto, a personalidade excepcional de Gustavo Capanema que hoje pranteamos...

O Sr. Lomanto Júnior — V. Exª me concede um aparte?

O SR. ALOYSIO CHAVES — ... na certeza de que a homenagem que aqui se ouve nesta Casa é a mesma, sem dúvida alguma, que ressoa por todos os quadrantes deste País.

Ouçõ V. Exª, com muito prazer.

O Sr. Lomanto Júnior — Venho juntar-me a quantos, nesta tarde, homenageiam a memória e pranteiam a morte do grande Senador, do grande Ministro, do grande Deputado, do admirável político que pertenceu, pertence e pertencerá sempre à constelação admirável dos estadistas mineiros. Tive o grande privilégio de pertencer à geração que, quando nós bancos escolares, inclusive no período universitário, teve como Ministro da Educação a figura extraordinária de Gustavo Capanema. Conheci-o depois, ambos militando na vida pública, e tive o privilégio de quantas vezes recolher os seus ensinamentos, ouvir as suas ponderações, aprender com ele o bom trilhar nos invios caminhos da vida pública. Homenageando Gustavo Capanema, esta Casa, nesta tarde, presta uma homenagem das mais expressivas, acolhendo requerimento do seu colega que continua a sua brilhante trajetória nesta Casa, o eminente Senador Itamar Franco, acolhendo o seu requerimento, eu me reservo, Sr. Líder Aloysio Chaves, para na oportunidade da homenagem que, por certo, esta Casa vai prestar a essa grande figura, acrescentar ainda algumas palavras de homenagem e de saudade à figura inesquecível, marcadamente inesquecível, na História do Brasil, de Gustavo Capanema.

O SR. ALOYSIO CHAVES — O aparte do nobre Senador Lomanto Júnior completa a homenagem que se presta a Gustavo Capanema. agradeço a V. Exª a contribuição que traz ao meu discurso porque, na realidade, V. Exª está, como todos nesta Casa, exaltando a figura de um eminente brasileiro.

Esta a razão, Sr. Presidente, pela qual subscrevemos, com muita honra, o requerimento do nobre Senador Itamar Franco, a quem, nesta Casa, prestamos também a nossa solidariedade e a nossa homenagem, no momento em que o desaparecimento de Gustavo Capanema atinge Minas e também o Brasil.

Estou certo de que a Nação Brasileira, através desta Casa e da Câmara dos Deputados, há, em nome do povo brasileiro, de tributar as mais altas e merecidas homenagens a tão ilustre cidadão.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Concedo a palavra ao nobre Senador Luiz Viana.

O SR. LUIZ VIANA (PDS — BA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente e Srs. Senadores:

Possivelmente, após os brilhantes discursos proferidos pelo Senador Itamar Franco e pelo Senador Aloysio Chaves, seria desnecessária a minha modesta palavra. Ocorre, entretanto, que talvez seja eu, neste momento, nesta Casa, o único que por longos anos conviveu com Gustavo Capanema, quer na Câmara dos Deputados,

quer no Senado Federal. Pude assim, no Parlamento, continuar a mesma admiração que eu já trazia de antes chegar a esta Casa. Trazia pelo conhecimento da extraordinária obra cultural e educacional, realizada no Ministério da Educação, pelo grande brasileiro que aqui chegar no fulgor da sua mocidade, com não mais de trinta e poucos anos, e tendo como um dos seus antecessores imediatos a figura de Francisco de Campos, creio eu, o fundador ou o Primeiro-Ministro da Educação no Brasil.

Mas, Gustavo Capanema vinha de Minas, trazendo aquela mesma base de cultura e de humanidades, que tanto tem marcado os seus homens públicos. De forma que, ao chegar ao Ministério que ocuparia por tão longos anos, dando-lhe brilho invulgar, cercado de outras grandes figuras — e aqui lembro Carlos Drummond de Andrade e Abgar Renault — pôde dar ao Ministério uma posição verdadeiramente singular na vida brasileira. Não apenas em relação à educação, onde talvez as suas posições, as suas idéias tivessem sido bastante polêmicas. Acredito, entretanto, que foi sobretudo no terreno da cultura onde mais se marcou a personalidade do Ministro Gustavo Capanema. Af, a sua marca é realmente indelével e insubstituível. Imbuído pelas idéias modernas, pelo modernismo do seu tempo, ele realmente se tornou quase um necenas da vida cultural do País, ajudando, animando, estimulando, protegendo todos aqueles grandes talentos do seu tempo que despontavam no Brasil, mas que ainda não tinham conquistado o lugar que hoje têm no painel da nossa vida cultural.

Bastaria lembrar, Sr. Presidente, que naquele prédio tão singular, tão marcante na arquitetura brasileira, realizado sob a inspiração de Gustavo Capanema, deixou ele aqueles admiráveis painéis de Portinari, que ainda hoje admiramos, que ainda hoje servem para nos dar ideia do que foi realmente o talento artístico, o bom gosto de Gustavo Capanema. Mas não se limitou a isso; é ele, com Rodrigo de Melo Franco, o verdadeiro criador do Patrimônio Histórico Brasileiro, numa época em que não dávamos a atenção que hoje se dá ao patrimônio artístico e cultural do nosso passado. Gustavo Capanema, entretanto, teve a visão do estadista, sentindo que era hora de preservar aquilo, que para o futuro ia dar realmente a cada brasileiro a ideia da grandiosidade do seu passado. É por isso que temos Congonhas, não é por acaso, é pela preservação que lhe foi dada pelo Patrimônio Artístico Nacional a cuja frente, quero destacar, se assinala a figura admirável de Rodrigo de Melo Franco. Cercado desses auxiliares, Sr. Presidente, Gustavo Capanema realizou obra extraordinária, preservando para o futuro as belezas e as grandezas do nosso passado. E ao deixar o Ministério, por ocasião da deposição do Presidente Vargas em 1945, viria ele para o Parlamento: então, mostraria aqui uma nova face da sua radiosa personalidade, era a face do orador, do congressista, do estadista. Alguns episódios já foram aqui oportunamente lembrados, quer pelo Senador Itamar Franco, quer pelo Senador Aloysio Chaves. Deles fui testemunha. Lembrome, com emoção, do que foi o grande discurso, o extraordinário discurso que Gustavo Capanema, depois de proferir, teve um delíquio, teve que ser socorrido pelos médicos tal a emoção que dele se apoderara ao falar de Getúlio Vargas, o seu Líder, o seu chefe ao longo de 15 anos, se não estou enganado.

Mais tarde haveria ele de brilhar na Constituinte de 46, como brilharia em 1954 como Líder; em 1955, por ocasião da deposição ou da cassação ou impedimento — que nome tenha — do Presidente da Câmara Carlos Luz. Naquele momento, realmente, se tratava de um debate do mais alto porte, da maior grandeza, da maior responsabilidade, e Gustavo Capanema como Líder do Governo e partidário de que se entregasse a Presidência a Ne-reu Ramos, proferiu realmente uma das suas mais belas

orações. Assim, Sr. Presidente, toda a vida parlamentar, toda a vida de Ministro de Gustavo Capanema foi marcada pelas realizações maiores, pelas realizações admiráveis que podem fazer a glória de um homem e fazer o orgulho de uma geração.

Eu, Sr. Presidente, modestamente, me orgulho de ter pertencido à geração de Gustavo Capanema.

O Sr. Aderbal Jurema — Permite V. Exª um aparte?

O SR. LUIZ VIANA — Ouço o aparte do nosso eminente colega.

O Sr. Aderbal Jurema — Senador Luiz Viana, estava no meu gabinete quando ouvi a voz do baiano ilustre, lamentando o desaparecimento dessa figura ímpar da política e da cultura brasileira: Gustavo Capanema, que conhecemos de perto, como parlamentar, como Ministro da Educação, como estadista que era, pertence aquela geração de Milton de Campos, Pedro Alcino, Nestor Duarte, Aliomar Baleeiro, tão íntimos de V. Exª, pela sensibilidade e pela inteligência. Por isso é que Pernambuco aqui presente, evocando a figura de Gustavo Capanema, presta, através das suas palavras, ilustre Senador e historiador brasileiro, a sua homenagem a Gustavo Capanema, que soube sempre, nesta Casa, se conduzir com uma atitude de estadista, jamais cometendo vilanias, porque em toda a sua vida o que norteava Gustavo Capanema era, sem dúvida, o bem público. Neste instante, temos que citar Gustavo Capanema como exemplo das novas gerações — um homem de espírito público admirável.

O SR. LUIZ VIANA — Agradeço o aparte de V. Exª, que tanto enaltece meu discurso.

Mas ao concluir, Sr. Presidente, desejo dizer à Casa, a V. Exª e aos meus colegas, que por mais que me curve, por mais que seja respeitoso ao Regimento Interno, acredito que há momentos em que fatos maiores, acontecimentos maiores fazem com que ponhamos um pouco o Regimento Interno de lado para prestar realmente homenagem excepcional, não é uma homenagem de todo dia, não uma homenagem que prestamos a todos os colegas, mas uma homenagem que prestamos a um brasileiro verdadeiramente excepcional, e por isso tem direito a uma homenagem também excepcional desta Casa.

Era o que eu tinha a dizer.

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Concedo a palavra ao nobre Senador Helvídio Nunes.

O SR. HELVÍDIO NUNES (PDS — PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Falou o eminente Senador Itamar Franco em nome de Minas Gerais e acredito, também, em nome da Aliança Democrática; falou o nobre Líder Aloysio Chaves em nome do Partido Democrático social; falou o nobre Senador Luiz Viana, com certeza, em nome da Cultura e da inteligência brasileiras. Desejo em meu nome particular, Sr. Presidente, dizer uma palavra de afeto e de saudade a Gustavo Capanema.

Há muitos anos, ao chegar ao ginásio do Crato, para cursar o quinto ano de ginásio, tive uma surpresa: é que ao findar o ano anterior, o Ministro da Educação havia adotado medidas e providências no sentido de fazer uma reformulação na política educacional do País. Em consequência, ao tempo em que cursava o 5º ano, fazia concomitante o primeiro ano científico. E também, naquele ano, tive notícia de que o Ministro da Educação responsável por essa reforma chamava-se Gustavo Capanema. Foi o meu primeiro contato com o homem através de seu nome.

Alguns anos mais tarde, precisamente em 1971, ao chegar ao Senado Federal, fui designado para compor a

Comissão de Constituição e Justiça do Senado Federal e, na primeira reunião daquele colegiado, tive a maior emoção nesta Casa e uma das maiores da minha vida. Coincidentemente, sentado discretamente numa das cadeiras da Comissão de Constituição e Justiça, olhei para a minha direita e estava sentado Milton Campos. O primeiro choque! E não refeito ainda do choque inicial, virei-me para a esquerda, e estava sentado exatamente o grande Senador Gustavo Capanema.

Durante oito anos, convivi nesta Casa com Gustavo Capanema. Moradores do mesmo bloco, apartamentos vizinhos, constantemente nos visitávamos, e muitas vezes, fomos juntos, os dias casais, à missa domingueira da Igreja da 308. Cada vez que me encontrava com Gustavo Capanema e com ele conversava, aprendia alguma coisa, algo de útil e de importante na minha vida. Devo muito à sua experiência e à sua amizade. Hoje, nesta hora, lamentando o seu falecimento, quero também prestar-lhe a minha homenagem, homenagem nascida do coração e que é, exatamente, prestada à cultura, à inteligência, ao companheirismo e sobretudo, à bondade de Gustavo Capanema.

O Sr. Jorge Kalume — permite V. Ex^a um aparte?

O SR. HELVÍDIO NUNES — pois não. Tem V. Ex^a o aparte.

O Sr. Jorge Kalume — Nobre Senador, depois da iniciativa do eminente e dinâmico Senador por Minas Gerais, nosso estimado colega Senador Itamar Franco, que teve a apoiá-la o Senador Aloysio Chaves em nome do PDS, secundado pelo Senador Luiz Viana, inclusive os apertes dos colegas Benedito Ferreira, Aderbal Jurema e Lomanto Júnior, quero, também, em nome do pequenino Estado do Acre, participar desta homenagem das mais justas que se presta à memória de Gustavo Capanema. Quando se fala em Gustavo Capanema, vêm à nossa lembrança fatos dos mais relevantes da nossa história contemporânea, como o de 1945, como o de 1954 e, por último, o de 1961, principalmente deste, quando a inteligência sublime de Gustavo Capanema, com a sua também sensibilidade política, contribuiu para contornar uma situação das mais difíceis atravessadas pela nossa Pátria. Segundo me consta, foi de Gustavo Capanema que partiu a idéia do sistema parlamentarista para se fazer respeitar a Constituição então vigente. Ao falarmos em Gustavo Capanema, estamos falando do Brasil em seu todo, e o seu desaparecimento representa um vácuo preenchível quer no campo da cultura, quer no campo do direito, quer no campo da política, em que ele sempre soube se sobressair graças, como disse inicialmente, a sua inteligência inigualável. Tem V. Ex^a e os demais colegas, a minha solidariedade e a solidariedade do povo acreano, mesmo porque também, Gustavo Capanema, ainda como Deputado, muito contribuiu para a transformação do antigo Território em Estado, projeto do seu saudoso parente e meu inesquecível líder e amigo José Guimar dos Santos. Muito obrigado a V. Ex^a.

O SR. HELVÍDIO NUNES — Nobre Senador Jorge Kalume, agradeço a contribuição que V. Ex^a traz às palavras que ora profiro. Sr. Presidente e Srs. Senadores, concluo reafirmando que dentre ao grande e extraordinário volume de qualidades que destacavam a personalidade inconfundível de Gustavo Capanema, escolhi para homenageá-lo exatamente aquela que, no meu entender, representa o mais eloquente senão o mais puro dos sentimentos, que é a bondade. Muito obrigado. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Concedo a palavra ao nobre Senador Alfredo Campos.

O SR. ALFREDO CAMPOS (PMDB-MG. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

O Senado Federal recebe com tristeza a notícia do passamento do grande Senador Gustavo Capanema. Minas Gerais e o Brasil perdem com isso um pouco de cada um.

O meu Estado, Minas Gerais, já trouxe a esta Casa, pelas palavras do nobre colega, Senador Itamar Franco, o sentimento e a angústia por ter perdido um dos seus filhos mais brilhantes.

Não tive a ventura de conhecer o Senador Gustavo Capanema, minha geração não é a mesma dele. No entanto, os homens da minha geração, Sr. Presidente, Srs. Senadores, aprenderam a admirar, desde a mais tenra infância, o grande homem que foi Gustavo Capanema. Muito já se disse hoje sobre os atributos pessoais, políticos, morais, intelectuais, do homem de letras que foi o Senador Gustavo Capanema, nesta Casa.

Solicito à Presidência faça constar dos Anais da Casa a biografia, publicada hoje no *Jornal do Brasil*, e assinada pelo eminente jornalista Antônio Carlos Villaça, que é um espelho da vida e da obra do imortal mineiro e brasileiro.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente. (Muito bem!)

DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. ALFREDO CAMPOS EM SEU DISCURSO: UM POLÍTICO QUE NASCEU COM O SÉCULO

Gustavo Capanema era filho de Gustavo Capanema e D. Marcelina Júlia de Freitas Capanema. Nasceu a 10 de agosto de 1900, no arraial de Santana do Onça, Município de Pitangui, Minas.

Foi para Belo Horizonte a 4 de março de 1914, matriculado no Colégio Azeredo. Era um rapazinho muito alto e muito magro. Em 1916 e 1917, foi aluno do Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Com a declaração de guerra do Brasil à Alemanha, em 1917, novembro, foi o Colégio fechado, depois de invadido por estudantes e professores da Faculdade de Medicina, em oposição aos padres alemães, da Congregação do Verbo Divino.

Com o fechamento do Colégio Arnaldo, numa espécie de neurose coletiva, foi Capanema para o Ginásio Mineiro, onde concluiu brilhantemente os estudos secundários, em dezembro de 1919.

Matriculou-se em 1920 na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, onde se diplomou a 24 de dezembro de 1924, aos 24 anos de idade.

Foi para Pitangui advogar. Exerceu o magistério na Escola Normal e entrou para a política na qualidade de vereador à Câmara Municipal de Pitangui.

Salientou-se logo como grande orador. Não mais sairia da política. Seria sempre político. Dizia mesmo que era apenas uma coisa: político. E outra não queria ser. Quando Getúlio o quis fazer Ministro do Supremo, não aceitou. Preferia continuar na política.

Em 1930, era o Chefe de Gabinete do Presidente Olegário Maciel, de Minas, no Palácio da Liberdade. Em novembro, foi nomeado Secretário do Interior de Minas. Levou para o seu gabinete o grande amigo de mocidade Carlos Drummond de Andrade, inseparável confidente e conselheiro.

Com a morte do Presidente Olegário Maciel, em 1933, foi interventor Federal em Minas. A disputa Francisco Campos - Virgílio Melo Franco - Gustavo Capanema era no fundo uma projeção da disputa federal entre Flores da Cunha e Oswaldo Aranha. Venceu em Minas Benedito Valadares, que Getúlio Vargas criou como solução inesperada.

Capanema ressentiu-se. Foi sua primeira grande derrota. Apeado da Interventoria pela nomeação de Benedito, recebeu como uma forma de consolação o cargo de ministro de estado da Educação e Saúde, em 1934. Com trinta e quatro anos estava no Rio de Janeiro, no centro dos acontecimentos, como ministro de Getúlio Vargas.

Trouxe com ele Carlos Drummond de Andrade, que foi seu chefe de gabinete.

De 1934 a 1945, foi Ministro da Educação. Primeiro, sob o regime constitucional, o da Carta de Julho de 34. Depois, durante os oito anos da ditadura estadonovista.

Foi depois Deputado Federal por Minas, líder do Governo, constituinte em 1946, ministro do Tribunal de Contas da União, Senador. Terminou a carreira como Senador da República em Brasília, em 1979, quando proferiu um discurso de intensa melancolia, a sua despedida da política.

Homem frágil, com problemas pulmonares, residiu inicialmente no Rio num próprio da União, em Painelras. O gabinete do ministro era na rua Álvaro Alvim, até que se construísse o novo edifício na Esplanada do Castelo, só inaugurado no fim do seu período, em 1945.

No entanto, esse homem de saúde delicada, magro e um tanto tímido, soube realizar como Ministro da Educação uma grande obra nacional, de dimensões permanentes.

Entre todos os numerosos e importantes serviços que Gustavo Capanema prestou a Minas e ao Brasil, sobreleva a sua atuação como Ministro da Educação de Vargas. Foi propriamente o Ministro da Cultura. O nosso primeiro Ministro da Cultura.

Foi reformador do nosso ensino, o criador das faculdades, o modernizador da nossa cultura. Este o seu grande título de glória. Foi o portador da mensagem modernista, em termos nacionais, em dimensões federais. Chamando Carlos Drummond para a chefia do seu gabinete e se fazendo assessorar por homens como Mario de Andrade, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Augusto Meyer, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Cândido Portinari, Manuel Bandeira, Villa-Lobos, imprimiu um rumo novo, no sentido moderno à vida cultural brasileira.

Ergueu no Rio o edifício esplêndido do Ministério da Educação. Audácia impressionante, que foi o começo da nossa revolução em matéria de arquitetura, escultura e pintura. E dessa união das três numa obra de arte de construção foi ele, assim, o pioneiro, entre nós.

Teve sempre um entusiasmo profundo e difusivo, que sabia comunicar aos auxiliares.

Esse edifício do Ministério da Educação foi cantado por Vinícius de Moraes num poema chamado Azul e Branco, tendo o poeta tomado como seu mote a definição de Pedro Nava — "Concha e Cavalo Marinho", com que o futuro memorialista saudara o módulo.

Sem o edifício do Ministério da Educação, não seria possível de fato o monumental conjunto da Pampulha, em Belo Horizonte, nem o prodígio do Planalto, o milagre do Cerrado, que é a cidade de Brasília, criação de Juscelino.

O prédio de Capanema deflagrou o processo revolucionário. Foi o início do Brasil novo.

A penetração aguda de Capanema, diante do Direito, a compreensão da filosofia do Direito, o seu íntimo e metódico conhecimento dos problemas de ordem jurídica, tudo fizera que a sua preocupação de estudante em Minas fosse a preparação de um futuro grande advogado. Até a oratória o beneficiava a esse respeito. Seu bom gosto inato, seu espírito de esteta, a imensa capacidade de leitura, o conhecimento das questões de literatura, tudo também revelava, na fase de formação, um homem de letras. Um crítico, um ensaísta. Não foi nem mestre do Direito, nem escritor. Mas levou dessas atividades intelectuais, que poderia ter honrado, a marca de superioridade que tanto o distinguiu na que o dominou a vida inteira: a paixão política.

Na política, atravessou a vida, e em tudo deixou o toque original da sua modernidade, a vinculação geracional que teve com os movimentos de renovação dos anos vinte. Capanema trouxe o modernismo para o primeiro plano da vida nacional.

O fato fundamental da sua vida foi este. O período mais importante do seu destino foi o de ministro da Edu-

cação, entre 1934 e 1945, na plenitude das suas forças. Foi um grande ministro. Foi o maior ministro da Educação que o Brasil já teve.

Seus amigos, sua geração intelectual foi o grupo do bar Estrela, em Belo Horizonte - Emílio Moura, Gabriel Passos, João Alphonsus, Milton Campos, Pedro Nava, Cyro dos Anjos, Abgar Renault, Carlos Drummond de Andrade.

Foi fiel ao espírito renovador dessa geração literária, em que se integrara. Podemos dizer que Capanema foi uma vocação puramente intelectual que a política roubou à literatura.

Os dois grandes intelectuais que Minas deu a Getúlio Vargas foram Francisco Campos e Gustavo Capanema. Cultura e política neles se uniam. Foram eles os grandes espíritos do Estado Novo. Aliavam estranhamente realismo e romantismo.

Gustavo Capanema foi um orador consumado, um dos quatro ou cinco maiores oradores do seu tempo no Brasil, um João Mangabeira, um Otávio Mangabeira, um Carlos Lacerda, um Antônio Vieira de Melo. Capanema era um orador excepcional. Gostava de improvisar. Sabia improvisar. Porqu improvisava com toda a alma, com todo o ímpeto, como se pusesse a vida no discurso. Tinha uma eloquência a um tempo grandiosa e contida, sóbria.

Seus discursos, longos, eram ditos com uma espécie de paixão, como se no discurso afinal encontrasse a sua razão de viver. Era um orador completo. O discurso que fez na Câmara Federal, em 24 de agosto de 1954, como líder do Governo, sobre o suicídio do Presidente Getúlio Vargas, foi o ponto mais alto e dramático da sua oratória. Falaram um depois do outro Gustavo Capanema e Afonso Arinos, líder da minoria.

De Getúlio Vargas disse tudo, disse o essencial neste belo discurso quase patético, em que falavam com eloquência torrencial o político, o antigo ministro, o deputado, o intelectual, o artista, o amigo, o íntimo colaborador de muitos anos. Deu de Getúlio o retrato perfeito e, todavia, isento, equilibrado, harmonioso. E observou: "Era o homem dos grandes conjuntos e não dos pormenores".

Capanema também foi o líder dos grandes conjuntos, das grandes sínteses, dos painéis, dos afrescos, dos murais muito amplos, como os do Portinari, para quem foi um Mecenas lúcido, como o foi para Villa-Lobos.

Teve o senso do povo. Levou Villa-Lobos para o estádio do Vasco, nas primeiras grandes exibições de canto orfeônico da História do Brasil. Uniu música e povo, através do gênio de Villa-Lobos.

Fez em 1942 a reforma geral do ensino. Getúlio Vargas o apoiava. O Padre Franca foi o grande inspirador dessa reforma, feita sob a inspiração do *Ratio Studiorum*, dos Jesuítas, isto é, do humanismo. Acusado de elitista por causa disso, poucos homens tiveram como Capanema o senso do povo, a intuição do povo.

Foi um humanista. E quis imprimir à sua reforma um cunho humanista, de primazia dos valores propriamente intelectuais. Era curioso como Capanema sabia unir em si o moderno, a que foi sempre fiel, e o eterno, a vocação humanística, o gosto dos estudos clássicos, a volúpia do latim.

O discurso que fez na Câmara Federal quando da morte do Padre Franca, em 1948, dá bem a medida do seu equilíbrio, do seu humanismo essencial. Sendo um moderno e até um modernista, valorizava a formação clássica e sabia unir uma grande parábola Virgílio e Jorge de Lima.

A Igreja foi uma presença na sua vida. Duas personalidades o influenciaram profundamente, e decisivamente — Getúlio Vargas e o Padre Franca. Foi graças a Gustavo Capanema que o Padre Serafim Leite pôde publicar os tomos alentados da sua vasta História da Companhia de Jesus no Brasil. E foi por sugestão de Capanema que

o Padre Franca traduziu o *Ratio Studiorum*, o método pedagógico dos Jesuítas.

Getúlio Vargas o admirava imensamente, mas parecia não levá-lo muito a sério, exatamente pelo que havia de finamente intelectual em Capanema, que ao gaúcho pareceria utópico ou sonhador. Mas Capanema não foi um irrealista. Foi um administrador preciso, exato, e soube cercar-se de uma equipe excepcional. Carlos Drummond de Andrade foi seu chefe de gabinete.

Prestigiou homens como Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Tristão de Athayde, a quem recebera ainda em Belo Horizonte, como secretário do Interior, graças a Carlos Drummond. Ao fundar-se a Universidade Católica do Rio, em 1940, fez Capanema um memorável discurso sobre o sentido da cultura, logo depois de terem falado Tristão de Athayde, Leonel França e Afonso Pena Júnior.

Como político, teve sempre o senso da cultura. Foi um estadista a serviço da cultura. Ao promover a série de conferências *Nossos grandes mortos*, na década de 30, comprazia-se em falar, resumindo numa síntese significativa o que fora dito pelo conferencista, e sabia fazê-lo com espírito a um tempo literário, filosófico e político. Ele foi a fusão rara desses três espíritos. Soube conciliar a política e as letras.

Antonio Carlos Villaga.

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — A solicitação de V. Exª será atendida. Será incorporado ao seu discurso o trabalho mencionado.

Concedo a palavra ao eminente Senador Passos Pôrto.

O SR. PASSOS PÔRTO (PDS—SE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Creio que não seja demais uma palavra em homenagem a Gustavo Capanema. Ontem à noite, através dos meios de comunicação, a Nação tomou conhecimento do desaparecimento dessa figura singular que preencheu, durante décadas, o mundo cultural e político brasileiro.

Gustavo Capanema, Sr. Presidente, nascido na virada deste século, pertenceu a uma das gerações mais férteis da inteligência mineira, da qual participou Milton Campos, Abgar Renault, Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus, Pedro Aleixo, Pedro Nava e tantos daqueles chamados intelectuais da Rua Bahia e que tiveram importância fundamental na modernização da cultura e da arte brasileira.

Sr. Presidente, conheci Gustavo Capanema ainda quando estudante, representando, como o Senador Aloysio Chaves, a delegação baiana ao VII Congresso Nacional dos Estudantes, congresso feito na ilegalidade, na clandestinidade.

Ministro da Educação e Saúde de então, Gustavo Capanema procurou conciliar as forças autoritárias, que queriam impedir o encontro dos estudantes brasileiros no Rio de Janeiro e, naquela oportunidade, levou a delegação baiana à presença do Presidente da República. Tive, Sr. Presidente, sem dúvida alguma, uma grande emoção. Pela primeira vez, vi diante de mim a figura de Getúlio Vargas e assisti também, no Rio de Janeiro, no Automóvel Club, ao renascer da democratização em nosso País.

Foi através desse eminente Ministro que a geração de então pôde respirar ares da redemocratização do nosso País.

Fui, também, Sr. Presidente, produto da reforma educacional de seu tempo. Ele, em 1942, fez a nova Lei Orgânica do Ensino Secundário, Comercial e Industrial do Brasil. Foi ele quem estruturou os cursos através de séries e criou o chamado curso complementar, que dava, após o ginásio, a divisão em aptidões para aqueles que quisessem seguir Engenharia, Ciências Médicas ou Ciências Jurídicas.

Foi, sem dúvida alguma, creio eu, o Primeiro Ministro da Cultura no Brasil. Ele, sim, foi o incentivador da arte moderna no Brasil, o homem que trouxe o grande arquiteto francês Le Corbusier, autor do projeto do Palácio da Cultura, que fez com que nascesse no Brasil a primeira arquitetura genuinamente nacional, através do gênio dos dois grandes arquitetos, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, que foram os executores do projeto, sem dúvida alguma, a grande obra de arquitetura do Rio de Janeiro, hoje no Palácio da Cultura.

Fui seu contemporâneo na Câmara dos Deputados. Vivia distante dele, mas via a sua participação nos momentos mais difíceis do desenvolvimento da política brasileira.

Foi sempre um conselheiro permanente das lideranças nas horas críticas do nosso processo político.

Foi ele o homem que conciliou, na madrugada da posse de João Goulart, o encontro entre Raul Pilla, Nelson Carneiro, Senador hoje, autor do substitutivo, que levou, naquela madrugada à implantação, em caráter experimental no Brasil, do sistema parlamentar de Governo.

Acho que Gustavo Capanema teve muito da cultura européia, de um professor oriundo de Londres. Não diria que foi um político militante, mas um grande conferencista da política, prestou grandes serviços à nossa cultura política, através de seus discursos. Era, sem dúvida, uma paladino das idéias democráticas.

Tendo servido a todos os sistemas e regimes de governo, herdou, de certa forma, o talento e o gênio do seu conterrâneo Bernard de Vasconcelos que, tendo sido liberal e conservador, diria, sempre mudou de posição, pelas circunstâncias, pois o seu grande objetivo era servir à Pátria.

Morreu, ontem, Capanema. A Nação perde o homem responsável pela preservação da memória nacional; o homem que criou o Sesi, que criou o Senac, que criou várias instituições de curso médio no Brasil, mas, sobretudo, um homem de cultura, cujo acervo está entregue, hoje, à Fundação "Getúlio Vargas" e que, tenho certeza, ficará para sempre como exemplo e paradigma das gerações brasileiras.

Quero neste instante, em nome do meu pequeno Estado, trazer a solidariedade, o apoio ao requerimento subscrito por todos os Senadores às homenagens que o Senado faz a Gustavo Capanema ao seu Estado e a Nação brasileira.

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Coloco em votação o requerimento apresentado pelo nobre Senador Itamar Franco, devidamente subscrito, para inserção, em ata, do voto de profundo pesar, apresentação de condolências à família e ao Estado e, ao mesmo tempo, suspensão da sessão.

Em votação o requerimento.

Os Senhores Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa)

Aprovado.

O Sr. Aloysio Chaves — Sr. Presidente, peço a palavra como Líder.

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — V. Exª tem a palavra.

O SR. ALOYSIO CHAVES (PDS-PA. Como Líder) — Sr. Presidente, apenas para declarar a V. Exª que em caráter excepcional, em se tratando, como foi acentuado, de um brasileiro excepcional, demos nosso assentimento à suspensão da sessão.

O Sr. Gastão Müller — Sr. Presidente, peço a palavra como Líder, para uma breve comunicação, na mesma linha do Senador Aloysio Chaves.

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — V. Exª tem a palavra.

O SR. GASTÃO MÜLLER (PMDB—MT. Como Líder.) — Sr. Presidente, o PMDB, por meu intermédio, diante da figura excelsa que ora desaparece, solidariza-se com o requerimento para a suspensão da sessão de hoje.

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — A Mesa se associa às manifestações de pesar aqui pronunciadas, em homenagem à memória do eminente brasileiro Gustavo Capanema. Homem público da mais larga projeção na vida nacional, tendo exercido funções e missões as mais diversas nos planos dos Poderes Executivo e Legislativo, a obra de Gustavo Capanema desdobrava-se em realizações objetivas em favor da educação, do ensino e da cultura, como também em pronunciamentos que marcam páginas destacadas da vida parlamentar brasileira, conforme os Srs. Senadores bem souberam registrar, relembrando aquelas intervenções do Senador e do Deputado Gustavo Capanema, em momentos os mais importantes da vida política do País.

Todos nós, de certo modo, somos produto daquelas medidas tomadas por Gustavo Capanema quando Ministro da Educação.

Aqui, foi assinalado pelo eminente Senador Aloysio Chaves, o seu primeiro conhecimento como Ministro, indo ao Rio de Janeiro, num simpósio de estudantes. Eu me recordo também de que, ainda estudante no Rio de Janeiro, em 1932, era Gustavo Capanema aquele que já pontificava neste Ministério. Mais tarde, proprietário, dirigente de um estabelecimento de ensino, tomei conhecimento das profundas transformações por ele dadas ao ensino e à educação, através da Lei Orgânica de 1942; a instalação, como aqui foi destacado pelos Srs. Senadores, de obras de profundo caráter cultural e de preservação da memória nacional, como o Instituto de Estudos Pedagógicos, o Instituto Nacional do Livro, e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Todas essas realizações de Gustavo Capanema, atuando na área das realizações objetivas do Poder Executivo, como as suas intervenções parlamentares em instantes importantes da vida nacional mostram, de fato, que a Nação e, particularmente, o Estado de Minas Gerais, tem porque chorar hoje a perda desse grande brasileiro. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — A Presidência, antes de encerrar a presente sessão, designa para a ordinária de amanhã a seguinte

ORDEM DO DIA

1

Votação, em turno único, do Requerimento nº 4, de 1985, de autoria dos Senadores Aloysio Chaves, Nelson Carneiro e Roberto Saturnino, solicitando, nos termos do Art. 371, alínea "C", do Regimento Interno, urgência para o Projeto de Lei da Câmara nº 218, de 1984 — Complementar, que cria o Estado do Tocantins e determina outras providências.

2

Votação, em turno único, do Requerimento nº 7, de 1985, de autoria do Senador Carlos Chiarelli, solicitando a Constituição de Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar e analisar as causas que determinaram a intervenção no Bancos Sulbrasileiro S/A e no Banco Habitasul S/A.

3

Votação, em turno único, do Requerimento nº 9, de 1985, de autoria dos Senadores Humberto Lucena, Nelson Carneiro e Carlos Chiarelli, solicitando, nos termos do art. 371, alínea C, do regimento interno, urgência para o Projeto de Lei da Câmara nº 163, de 1984, que revoga o Decreto-Lei nº 1.284, de 28 de agosto de 1973, que declarou o município de Anápolis de interesse da Segurança Nacional.

4

Votação, em primeiro turno, do Projeto de Lei do Senado nº 22, de 1981, do Senador Jorge Kalume, que dispõe sobre enquadramento de professores colaboradores e auxiliares de ensino e dá outras providências, tendo Pareceres, sob nºs 654 e 655, de 1981, das Comissões: — de Constituição e Justiça, pela Constitucionalidade e Juridicidade, e, no mérito, favorável, e — de Educação e Cultura, Favorável.

5

Votação, em primeiro turno, do Projeto de Lei do Senado nº 26, de 1979, de autoria do Senador Orestes Quêrcia, que acrescenta parágrafos ao Art. 517 da Consolidação das Leis do Trabalho, tendo Pareceres, sob nºs 184 e 185, de 1984, das Comissões: — de Constituição e Justiça, pela Constitucionalidade e Juridicidade; e — de Legislação Social, Favorável.

6

Votação, em primeiro turno, do Projeto de Lei do Senado nº 45, de 1979, do Senador Nelson Carneiro, que acrescenta e modifica a redação de dispositivo da Lei nº 5.107, de 13 de setembro de 1966 (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço), tendo Pareceres, sob nºs 298 a 301, de 1981, das Comissões: — de Constituição e Justiça, pela Constitucionalidade e Juridicidade e, no mérito, favorável, com emenda que apresenta de nº 1-CCJ; — de Legislação Social, contrário, com voto vencido, em separado, do Senador Humberto Lucena; — de Economia, Contrário; e — de Finanças, Contrário, com voto vencido do Senador Mauro Benevides.

7

Votação, em primeiro turno, do Projeto de Lei do Senado nº 2, de 1980, de autoria do Senador Humberto Lucena, que dispõe sobre a escola e a nomeação dos dirigentes das Fundações de Ensino Superior, tendo Pareceres, sob nºs 747 e 748, de 1981, das Comissões: — de Constituição e Justiça, pela Constitucionalidade e Juridicidade, com voto vencido, em separado, do Senador Moacyr Dalla; e — de Educação e Cultura, Favorável.

8

Votação, em primeiro turno, do Projeto de Lei do Senado nº 207, de 1983, de autoria do Senador Nelson Carneiro, que institui a semana do jovem e dá outras providências, tendo Pareceres, sob nºs 429 e 430, de 1984, das Comissões: — de Constituição e Justiça, pela Constitucionalidade e Juridicidade e, no mérito, pela inoportunidade, com voto vencido, em separado, do Senador Guilherme Palmeira; e — de Educação e Cultura, Favorável.

9

Votação, em primeiro turno (apreciação preliminar da Constitucionalidade, nos termos do Art. 296 do Regimento Interno), do Projeto de Lei do Senado nº 18, de 1980, de autoria do Senador Itamar Franco, que dispõe sobre aposentadoria especial do músico, tendo Pareceres, sob nº 1.032, de 1980 e nº 415, de 1984, da Comissão: — de Constituição e Justiça, 1º Pronunciamento: pela inconstitucionalidade; 2º Pronunciamento: (reexame solicitado em Plenário) — ratificando seu parecer anterior.

10

Discussão, em primeiro turno (apreciação preliminar da Constitucionalidade, nos termos do Art. 296 do Regimento Interno), do Projeto de Lei do Senado nº 51, de 1980, de autoria do Senador Henrique Santillo, que revoga o Decreto-Lei nº 1.284, de 28 de agosto de 1973, que declarou o município de Anápolis de interesse da Segurança Nacional, e dá outras providências, tendo Parecer, sob nº 13, de 1982, da Comissão.

— de Constituição e Justiça, pela Inconstitucionalidade, com voto vencido do Senador Nelson Carneiro.

(Dependendo da votação do requerimento nº 12/85, do Senador Henrique Santillo, de adiamento da discussão para reexame da Comissão de Constituição e Justiça).

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 15 horas e 56 minutos.)

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SR. MÁRIO MAIA NA SESSÃO DE 8-3-85 E QUE, ENTREGUE À REVISÃO DO ORADOR, SERIA PUBLICADO POSTERIORMENTE.

O SR. MÁRIO MAIA — (PMDB — AC. Pronuncia o seguinte discurso.) Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Hoje é o dia 8 de março, mês de Maria. Maria, o nome de todas as mulheres. Este dia foi escolhido para se comemorar o dia internacional daquela que é a companheira inseparável do homem.

Quero trazer aqui, nesta oportunidade, a minha homenagem singela às mulheres brasileiras e por extensão, às mulheres de todo o mundo, fazendo votos para que as suas conquistas sociais — o seu trabalho dinâmico, a sua inteligência e a sua tenacidade — sejam, a cada momento, melhores compreendidas pelos homens, porque é esta companheira o nosso braço direito, a outra parte da laranja, aquela encarregada de, na intimidade do seu corpo, carregar biologicamente a semente multiplicadora da vida humana.

Portanto, Sr. Presidente, a esta criatura que tem uma contribuição efetiva, e na minha opinião particular muito mais importante de que nós homens, na perpetuação da espécie, porque achamos que ela contribui para este fim muito mais do que o seu companheiro. Fizemos uma análise biológica e conferimos até o peso da estrutura anatômica e histológica da constituição da célula reprodutora, verificaremos que o óvulo, que é a contribuição feminina para geração de um novo ser, é 200 vezes mais volumoso do que segmento masculino, o espermatozoide.

Portanto, Sr. Presidente, já na origem do ser, a mulher deve ser vista como o estojo guardador e perpetuador da espécie humana e, por isso, desde essa origem, merece não apenas o nosso respeito e a nossa adoração que fazemos através do amor que dedicamos às nossas mães, às nossas irmãs nossas filhas mas, também, o carinho, o afeto contribuindo para que o seu trabalho, no lar e fora do lar, seja sempre compreendido pelo lado oposto da vida que é o seu companheiro.

O Sr. Octávio Cardoso — V. Exª permite um aparte?

O SR. MÁRIO MAIA — Ouço V. Exª com muito prazer.

O Sr. Octávio Cardoso — Associe-me às homenagens que V. Exª presta à mulher, acho que merecidas, ela que representa um papel tão importante no lar e na sociedade. Gostaria, também, de manifestar a minha preocupação, porque o futuro Presidente já está fechando o seu Ministério e não vejo qualquer mulher contemplada ou em vias de ser anunciada como Ministro e tenho as minhas dúvidas de que ela seja contemplada no segundo escalão. Assim, acho que mais do que as palavras, o futuro Governo — eu penso — deveria, desde logo, dar a demonstração prática do apreço que tem para com a mulher brasileira. É verdade que ainda não foi anunciado o Ministério. Talvez, até, V. Exª possa fazer este auspicioso anúncio para me contraditar.

O SR. MÁRIO MAIA — Nobre Senador Octávio Cardoso, gostaria, imensamente, de ser o agente, o arau-

to da informação de que o Ministério que ora está se compondo, também viesse florido com as pétalas que as mulheres representam para o coração dos homens que as sabem compreender. Entretanto, não tenho conhecimento do Ministério, mas como Senador da República, falando neste instante me homenagem ao "Dia da Mulher", estou solidário com V. Exª e levo ao Presidente da República a lembrança de que, além dos critérios adotados até agora o da probidade, da austeridade, da competência, da representatividade e o geopolítico — que foi aceito por sugestão nossa de ter no seu Ministério também representante de todas as Regiões do Brasil — acrescentasse, agora, que há tempo ainda, pois faltam sete dias para que os Ministros sejam empossados, também acrescentasse aos critérios estabelecidos também aqueles de ter no seu ministério, senão algumas, merecidamente, pelo menos, uma mulher brasileira. Assim, S. Exª estaria demonstrando o alto apreço que tem pelas mulheres, confirmando o seu ato aquela pregação que fizemos ao longo dos quatro cantos do Brasil, quer durante a campanha pelas eleições diretas, que numa fase a seguir pela campanha que promovia o nome do atual Presidente, eleito, Dr. Tancredo Neves.

Agradeço a oportunidade que o nobre Senador pelo Rio Grande do Sul, Octávio Cardoso, nos traz nessa singela fala de homenagem à mulher, para levar o recado a Sua Excelência o Senhor Tancredo Neves, para que Ministérios ainda não compromissados ou ainda não convidados, que se lembre de convidar uma mulher ilustre para ocupar a pasta que ainda não tenha sido definida.

É esta a homenagem que eu quero trazer neste mês de Maria, oito de março — aqui houve um engano cronoló-

gico com relação ao mês. Entretanto março também é o mês das flores, o mês da quaresma, e as quaresmeiras de Brasília estão cobertas de flores, colorindo com suas cores, as copas verdejantes das árvores que enfeitam este grande parque que é Brasília. Portanto, o mês não importa. Importa a beleza das árvores, das flores, das mulheres e o amor dos seus corações para com os filhos, para com os pais e para com os seus maridos.

Era o que eu tinha dizer, Muito obrigado. (Muito bem! Palmas!).

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SR. LUIZ VIANA NA SESSÃO DE 8-3-85 E QUE, ENTREGUE À REVISÃO DO ORADOR, SERIA PUBLICADO POSTERIORMENTE.

O SR. LUIZ VIANA (PDS — BA. Para uma breve comunicação. — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Desejo fazer uma pequena comunicação sobre a demissão do professor Lafayette Pondé que acaba de se retirar voluntariamente da Presidência do Conselho Federal de Educação.

Professor de Direito, membro do Conselho Federal há vários anos, era pensamento de S. Exª — e eu o conheço bem porque fomos colegas de turma na Faculdade de Direito da Bahia — era pensamento de S. Exª deixar a presidência daquele Conselho há cerca de dois anos.

Coincidiu entretanto, com a nomeação da Ministra Esther de Figueiredo Ferraz, antigo membro do Conselho que solicitou ao Dr. Lafayette Pondé que permanecesse no Conselho enquanto ela permanecesse no Ministério. Atendida a solicitação o Dr. Lafayette Pondé pres-

tou ao Ministério, à Ministra, posso dizer ao Brasil, os mais relevantes serviços no campo da educação. Entretanto, agora, ao findar-se o período de Governo e, portanto, da Ministra Esther de Figueiredo Ferraz, Dr. Lafayette Pondé, dentro do pensamento que já tinha há cerca de dois anos, solicitou exoneração, que lhe foi concedida pelo Senhor Presidente da República, passando-se em seguida à eleição do novo Presidente do Conselho, que recaiu, pelo voto da maioria dos seus colegas, no professor Paulo Natanael Pereira de Souza, também ilustre educador que integra aquele Conselho. Foi eleito não por um período determinado, mas apenas para concluir o período do Professor Lafayette Pondé.

Se faço essas observações é porque pela imprensa foram divulgadas outras versões, inexatas, e que não estão à altura do caráter, da maneira de proceder, nem do Dr. Lafayette Pondé, nem da Ministra Esther de Figueiredo Ferraz. Ambos se distinguem pela cultura, pela inteligência, mas também pela maneira correta, pelo caráter com que desempenham as funções públicas e com que se portam em todos os episódios de que participam.

Era necessário, portanto, Sr. Presidente, para pôr termo a versões menos exatas, menos corretas e menos dignas, que eu deixasse consignado aqui a realidade dos fatos. E o faço acentuando que a educação deve, realmente, muito ao Dr. Lafayette Pondé que, quer como professor na Bahia, quer como membro do Conselho Federal de Educação, e por vários anos seu Presidente, cargo que aceitou com algum sacrifício, prestou à educação do Brasil os mais relevantes serviços.

Era o que tinha a dizer. (Muito bem! Palmas.)